

## O pequeno príncipe vai para o trono?

Eliana Yunes

Dá para imaginar o tremor de indignação de uns, o riso irônico de outros, a perplexidade de alguns e o conforto de muitos: afinal, foi necessário que muitos votassem na enquete sobre o maior escritor do século na França, para que “o pequeno príncipe” alcançasse o primeiro posto – Antoine de Saint Exupéry, nome que soa familiar na memória de muitos leitores, logra uma consagração, no mínimo, surpreendente. Contudo, justificável.

Num século em que viveram escritores como Jean Paul Sartre, Roland Barthes, George Pérec, Jacques Prévert, Albert Camus, Ionesco, Margarithhe Youcenar, e Margarithhe Duras, muitos leitores notórios de cultura francesa se sentirão provocados diante do resultado do plebiscito. Mas nenhum deles poderá deixar de reconhecer que o aviador-escritor desaparecido durante a guerra, não apenas tem vendagem expressiva e ininterrupta, mas um número crescente de leitores efetivos. Situação sem precedente para qualquer das *altas literaturas* mencionadas.

Se considerarmos as queixas quanto ao cada vez menor índice de leitura entre os internautas, não é desprezível este índice agora coroado com o título de “maior do século”. Não só “as misses” no Brasil dos sessenta, setenta leram **O Pequeno Príncipe**, mas em todo o mundo há leitores sendo *cativados* por Saint-Exupéry, *responsável*, portanto, por todos eles.

Brotam os argumentos de uma literatura fácil, de caráter romântico e estilo alegórico, das que seduzem milhares sem lhes despertar mais que a sensibilidade: muitos sequer escreveriam estas ou outras linhas a respeito da ocorrência por julgá-la im procedente. O *clássico* e o *canônico* não perderam sua imortalidade, mesmo diante dos críticos que, muito *pós-modernos*, andam de braços com os estudos culturais e em defesa de discursos *pós-coloniais*. Parece que a obra do “maior” não se encaixa em qualquer dos casos. Ao contrário, soa poética mas ingênua, de belas metáforas e surpreendentes imagens, porém muito “afetiva” para tempos de linguagens auto-referentes e violência disseminada.

O caso merece uma reflexão mais alongada sobre a questão da recepção, das expectativas dos leitores e da própria leitura, mais que da obra em si que, aliás, não se resume ao delicado **Et** consumido entre uma raposa e uma rosa: **Terra dos homens, Vôo Noturno** e **Cidadela** têm especulação mais complexa, linguagem mais elaborada, mas não perde de vista um certo projeto de “cativar” e uma defesa apaixonada da vida humana e de suas delicadezas. Coisas, por certo procedentes neste momento da história, se escritas em tom de denúncia e na ótica desconstrutivista.

No entanto, talvez seja justamente a delicadeza desta parábola, que tanto tenha chamado a atenção dos que, em plena guerra, viram surgir um livro de baobás, elefantes engolidos por serpentes (ou seriam chapéus?), lampiões e casas de gerânios na janela.

Estaria melhor se tivesse escrito diários como um correspondente de guerra? Relatado os riscos que viveu antes de ser consumido por eles? Teria os mesmos milhões de leitores?

Apesar das imagens "infantis", dos tipos maiores, dos parágrafos curtos - que me levaram supor aos 12 anos que aquele não era um livro para quem já lia Cervantes, Kipling e Dostoievsky - dispensa o *final feliz* e traz reflexões graves sobre o poder, a solidariedade, o egoísmo que não interessam apenas a crianças e adolescentes desavisados. Há o problema de que esta *forma simples* em que está armado o livro que o consagrou junto ao público, não privilegia a sofisticação fechada aos *não-iniciados* em literatura; mas ela convida à leitura, ela se abre a interações e remete a outras obras, por usar uma linguagem de sugestões e insinuações que prima pela leveza e rapidez: não estas algumas das qualidades preconizadas para a narrativa que se partilha com o leitor? O denso, adverte Calvino, não se confunde com o profundo.

Por fim, pode-se perguntar se o autor não seria também responsável *por quem ele não cativa*. Borges diz que a leitura é uma escolha que elege os interlocutores e sendo efêmera, traz apenas associações e deslocamentos, registrados às vezes numa nova escrita, que logo perde o viço sem a vida que o leitor lhe empresta. Parece que há muitos ainda dispostos a trocar palavras com Saint-Exupéry - ou seria só com **o pequeno príncipe**?